

PAX CHRISTI PORTUGAL

COMBATER A POBREZA É CONSTRUIR A PAZ

SUBSÍDIOS PARA A CELEBRAÇÃO DO
42º DIA MUNDIAL DA PAZ
1 DE JANEIRO 2009

Lisboa
Dezembro de 2008



Pax Christi Portugal

A/c CRC
Rua Castilho, 61 – 2º Dtº
1250-068 LISBOA
Tel.: 213 86 51 39
E-mail: paxchristi_pt@hotmail.com
Webpage: <http://paxchristiportugal.no.sapo.pt>

TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2009)

Combater a Pobreza é Construir a Paz. Subsídios para a Celebração do 42º Dia Mundial da Paz. 1 de Janeiro 2009

Produzido por: Pax Christi Portugal

Dezembro de 2008

Disponível on-line em: <http://paxchristiportugal.no.sapo.pt> e
<http://blogdapax.blogspot.com>

PAULO VI

- 1968: O 1º de Janeiro: Dia Mundial da Paz
- 1969: A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz
- 1970: Educar-se para a paz através da reconciliação
- 1971: Todo o homem é meu irmão
- 1972: Se queres a paz, trabalha pela justiça
- 1973: A paz é possível
- 1974: A paz também depende de ti
- 1975: A reconciliação, caminho para a paz
- 1976: As verdadeiras armas da paz
- 1977: Se queres a paz, defende a vida
- 1978: Não à violência, sim à paz

JOÃO PAULO II

- 1979: Para alcançar a paz, educar para a paz
- 1980: A verdade, força da paz
- 1981: Para servir a paz, respeita a liberdade
- 1982: A paz: dom de Deus confiado aos homens
- 1983: O diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo
- 1984: De um coração novo nasce a paz
- 1985: A paz e os jovens caminham juntos
- 1986: A paz é um valor sem fronteiras. Norte-Sul, Leste-Oeste: uma só paz
- 1987: Desenvolvimento e solidariedade, chaves da paz
- 1988: Liberdade religiosa, condição para a convivência pacífica
- 1989: Para construir a paz, respeitar as minorias

- 1990: Paz com Deus criador, paz com toda a criação
- 1991: Se queres a paz, respeita a consciência de cada homem
- 1992: Os crentes unidos na construção da paz
- 1993: Se procuras a paz, vai ao encontro dos pobres
- 1994: Da família nasce a paz da família humana
- 1995: Mulher: educadora de paz
- 1996: Dêmos às crianças um futuro de paz
- 1997: Oferece o perdão, recebe a paz
- 1998: Da justiça de cada um nasce a paz para todos
- 1999: No respeito dos direitos humanos o segredo da verdadeira paz
- 2000: «Paz na terra aos homens, que Deus ama!»
- 2001: Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor e da paz
- 2002: Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão
- 2003: «*Pacem in terris*»: um compromisso permanente
- 2004: Um compromisso sempre actual: educar para a Paz
- 2005: Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem

BENTO XVI

- 2006: Na verdade, a paz
- 2007: A pessoa humana, coração da paz
- 2008: Família humana, comunidade de paz
- 2009: Combater a pobreza, construir a paz

LINKS ÚTEIS

- Associação Nacional de Direito ao Crédito
<http://www.microcredito.com.pt>
- Audição Pública “Dar voz aos pobres para erradicar a pobreza”
www.darvozaospobres.blogspot.com
- Caritas Portuguesa
<http://www.caritas.pt>
- Comissão Nacional Justiça e Paz
<http://cnjp.ecclesia.pt>
- Federação Nacional dos Bancos Alimentares contra a Fome
<http://www.bancoalimentar.pt>
- Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO)
<http://www.fao.org>
- Objectivo 2015 - Campanha do Milénio das Nações Unidas
<http://www.objectivo2015.org>
- Oikos - Cooperação e Desenvolvimento
<http://www.oikos.pt>
- Pobreza Zero
<http://www.pobrezazero.org>
- Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas (United Nations World Food Programme)
<http://www.wfp.org>
- Rede África-Europa Fé e Justiça (AEFJN) Portugal
<http://portugal.aefjn.org>
- Rede Europeia Anti Pobreza / Portugal - REAPN
<http://www.reapn.org>

SUMÁRIO

APRESENTANDO...	
Combater a Pobreza é Construir a Paz.....	5
MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 42º DIA MUNDIAL DA PAZ	
Combater a Pobreza, Construir a Paz.....	7
TEXTOS PARA REFLEXÃO	
A Pobreza em Portugal.....	15
Dar voz aos pobres para erradicar a pobreza.....	19
Erradicar a pobreza: um desafio à missão da Igreja.....	21
Objectivos de Desenvolvimento do Milénio	23
Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social (2010)	27
Gastos militares não param de aumentar.....	28
SUGESTÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 2009	
Liturgia do Dia	31
Colectânea de Orações	34
Outras maneiras de assinalar o Dia Mundial da Paz e usar o tema	37
Ideias para trabalhar com crianças	40
LINKS ÚTEIS.....	42
TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2009)	43

A cor Verde disse: Eu sou a cor mais importante – sou símbolo de vida e de esperança. Sou a cor da erva e das árvores. Posso ser vista em qualquer campo. Sem mim todos os animais morreriam.

A cor Azul interrompeu: Só pensas na terra. Então e o céu e o mar? A coisa mais importante para a vida é a água – é enviada para cima para as nuvens e depois cai do céu como chuva. O céu também nos dá espaço e paz. Sem a minha paz estariam todos muito desorientados e ocupados.

A cor Amarela pôs-se a rir: Não sejam tão sérias! Eu trago a felicidade e o riso. O sol e a lua são amarelos. Sempre que vemos um girassol temos vontade de sorrir. Eu trago diversão.

A cor Laranja começou a elogiar-se a si mesma: Eu sou a cor da saúde e da força – sou muito preciosa! Transporto as principais vitaminas na comida. E sou linda ao nascer e ao pôr-do-sol!

A cor Vermelha já estava impaciente: Eu é que mando em vocês – estou no vosso sangue. Sou a cor do perigo e da coragem. Trago energia e vida à terra.

A cor Roxa levantou-se toda apumada: Eu sou a cor dos reis e do poder. Os governantes e os chefes escolhem-me a mim – eu sou um sinal de sabedoria.

A cor Azul Escuro disse: Eu sou a cor do silêncio – quase não dão por mim. Estou sempre pensativa – sou a cor do crepúsculo e das profundezas do mar. Eu sou necessária para o equilíbrio do mundo.

Narrador: Enquanto as cores continuavam a vangloriar-se e gritavam cada vez mais alto, começou uma tempestade. Houve um relâmpago e um trovão. Começou a chover e todas as cores se encolheram de medo – aproximando-se umas das outras em busca de conforto.

Os instrumentos de percussão podem ser utilizados aqui para evocar os sons da tempestade.

A Chuva falou: Cores tontas! A brigar umas com as outras, cada uma a tentar ser melhor que as restantes. Não sabem que Deus vos fez a todas? Cada uma com um propósito especial. Deus ama-vos a todas. Deus quer-vos a todas. Dêem as mãos umas às outras e venham comigo.

A bandeira do arco-íris pode ser estendida sobre os grupos de crianças enquanto é narrada esta parte da história.

Vocês vão ser estendidas no céu num grande arco para recordar que Deus vos ama a todas, que podem viver juntas em paz, uma promessa de que Deus está convosco, um sinal de esperança para o futuro.

Narrador: E assim, sempre que Deus usa uma boa chuvada para lavar o mundo, o arco-íris aparece no céu e quando o vemos, devemos lembrar-nos do valor de cada um de nós.

(Adaptado de Training for Transformation: Anne Hope, Sally Timmel e C. Hodzi)

IDEIAS PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS

A HISTÓRIA DO ARCO-ÍRIS*



Esta actividade destina-se a ajudar as crianças a explorar a singularidade de cada pessoa e a valorizar o contributo que cada pessoa traz para a família humana, independentemente da sua raça, credo ou cor.

MATERIAL NECESSÁRIO

- Uma bandeira arco-íris da paz.
- Fitas ou serpentinas coloridas.
- Instrumentos de percussão para os sons de tempestade.

METODOLOGIA

O texto pode ser lido como uma história ou ser representado por grupos de crianças – neste caso será dada a cada grupo uma fita de cor diferente e cada um representará a sua cor. Pode ainda ser encenado como uma peça de teatro ou como uma dança e ser apresentado a outros como parte de uma liturgia.

TEXTO

Narrador: Um dia, todas as cores do mundo começaram a discutir. Cada uma delas achava que era a melhor e a mais importante.

* Actividade adaptada da publicação da Pax Christi UK, *Peace Sunday UK 2004*.

APRESENTANDO... *Combater a Pobreza é Construir a Paz*

Desde 1968, quando Paulo VI lançou a proposta de dedicar à Paz o primeiro dia do novo ano, que os papas, através das Mensagens publicadas para tal circunstância, vêm propondo a todos os homens e mulheres temas de reflexão sobre os múltiplos elementos da construção da paz.

Para 2009, com o título “*Combater a pobreza, construir a paz*”, o Papa Bento XVI, propõe-nos como tema central de reflexão para a celebração do próximo dia 1 de Janeiro, 42º Dia Mundial da Paz, o combate à pobreza e a sua relação com a construção da paz, uma vez que a primeira constitui uma séria ameaça à segunda.

A realidade é bem reveladora do axioma: “*Combater a Pobreza é Construir a Paz*”. Nesta nossa casa comum que é a Terra, milhões de pessoas, membros da única família humana, vivem ainda hoje, em pleno século XXI, em situação de extrema pobreza. Atentemos a alguns números: 900 milhões de seres humanos vivem com

menos de 0,70€ por dia; cada 6 segundos uma criança morre de fome e há mais de 800 milhões de pessoas em países pobres que não têm comida suficiente para satisfazer as suas necessidades calóricas básicas; cerca de 11 milhões de crianças morrem antes dos 5 anos de idade devido a causas que poderiam ser evitadas; etc.

Também o nosso país é afectado pelo estigma da pobreza. Um estudo recente do Instituto Nacional de Estatística indica que em 2006, 18% da população portuguesa vivia no limiar da pobreza, isto é, quase um quinto dos portugueses adultos vivia com cerca de 379 euros por mês. A pobreza, revela o mesmo estudo, afectava sobretudo os idosos (26%) e os menores (21%).

A pobreza atenta contra a dignidade transcendental da pessoa humana e, como salientou o Prof. Muhammad Yunus no discurso na cerimónia de entrega do Prémio Nobel da Paz de 2006, “é a ausência

de todos os direitos humanos. As frustrações, a hostilidade e a raiva geradas pela pobreza abjecta não podem garantir a paz em nenhuma sociedade. Para construir uma paz sustentada é necessário encontrar formas de criar oportunidades para que as pessoas possam ter uma vida decente”.

Reduzir para metade a pobreza extrema e a fome até 2015, foi um dos objectivos que os líderes de todo o mundo se propuseram no início do século XXI, mas a avaliação feita a meio deste período mostra lacunas e défices de concretização. No entanto, a pobreza não é uma fatalidade, porquanto o mundo dispõe dos recursos para atingir este objectivo e os outros Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, mas falta o empenhamento político para tal.

Parafraseando o Nobel da Paz de 2006, acreditamos “convictamente que podemos criar um mundo livre de pobreza se todos acreditarmos em conjunto. Num mundo livre de pobreza o único sítio onde será possível ver pobreza será nos museus. Quando as crianças em idade escolar fizerem visitas aos museus da pobreza ficarão escandalizadas com a miséria e a indignidade que alguns seres humanos tiveram de sofrer. Culparão os seus antepassados por terem tolerado esta condição desumana que durante tanto tempo existiu para tanta gente”.

A nossa geração pode acabar com a pobreza e devemos recusar-nos a perder esta oportunidade. A luta contra a pobreza e a sua erradicação da face da Terra, é, pois, uma tarefa que incumbe a todos. Ninguém se pode considerar isento ou imune. Todos nós estamos chamados a dar o nosso contributo nesse sentido. JUNTOS PODEMOS ACABAR COM A POBREZA!

Pretendendo contribuir para a celebração deste dia dedicado a esse bem e direito humano fundamental, que é a paz, grande dom a implorar de Deus incansavelmente, a Pax Christi Portugal produziu a brochura “*Combater a Pobreza é Construir a Paz. Subsídios para a Celebração do 42º Dia Mundial da Paz. 1 de Janeiro 2009*”. Dela fazem parte uma selecção de textos para ajudar a aprofundar a mensagem de Bento XVI; assim como sugestões para a liturgia do dia, actividades para assinalar o dia e usar o tema, ideias para trabalhar com crianças, bem como uma colectânea de orações.

Dezembro de 2008

2. O QUE TORNA AS PESSOAS HUMANAS

O que torna as pessoas humanas?

Dar e não tirar
Eis o que torna as pessoas humanas.

Servir e não mandar
Eis o que torna as pessoas humanas.

Ajudar e não esmagar
Eis o que torna as pessoas humanas.

Alimentar e não desbaratar
Eis o que torna as pessoas humanas.

E, se for necessário, morrer e não viver
Eis o que torna as pessoas humanas.

Ideais e não traficâncias
Eis o que torna as pessoas humanas.

Crer e não invejar
Eis o que torna as pessoas humanas.

(Easy Essay, por Peter Maurin, co-fundador do Movimento Operário Católico)

- Fazer cópias do texto “**O que torna as pessoas humanas?**” e distribuí-las pelos elementos do grupo.
- Dividir o grupo em pares e pedir que cada par acrescente ao texto as suas próprias respostas à pergunta “**O que torna as pessoas humanas?**”. Depois devem partilhar estas respostas com o grupo.
- Pedir ao grupo que prepare uma apresentação desta sua nova versão do texto/ respostas. Pode ser, por exemplo, em forma de rap ou através de um PowerPoint.



- Fazer uma apresentação ou um quadro para ilustrar o contraste entre as “**Obras de Misericórdia e de Justiça**” e as “**Obras de Guerra e Destruição**”. Podem relacioná-las com questões locais, nacionais ou internacionais. Para tal pode-se recorrer a artigos de imprensa e fotografias, imagens e estatísticas de algumas das organizações listadas nos *Links Úteis* (pág. 42) ou aos dados fornecidos nas páginas anteriores. Alguns exemplos são dados no quadro abaixo.
- Convidar o grupo a escolher a frase ou dado estatístico que mais os impressiona. Porque escolhem esta frase ou dado? O que é que esta/este os faz sentir?
- Cada um pode depois criar o seu próprio quadro ilustrando o significado que têm para si, hoje, as obras de misericórdia e de justiça e as obras de guerra.

O MUNDO NECESSITA DE OBRAS DE MISERICÓRDIA E DE JUSTIÇA	NÃO DE OBRAS DE GUERRA E DESTRUIÇÃO
Mais de 800 milhões de pessoas, em todo o mundo, vão para a cama de estômago vazio	Em todo o mundo, em 2007, foram gastos em despesas militares mais de 850.000 milhões de euros, quase 130€ <i>per capita</i>
900 milhões de seres humanos vivem com menos de 0,70€ por dia	26 milhões de pessoas foram forçadas a abandonar as suas casas em consequência de conflitos armados em 2007
Cada ano, 500 mil mulheres morrem de complicações relacionadas com a gravidez	Por cada euro que Portugal investiu em 2005 em ajuda humanitária, o Ministério da Defesa reservou 10 euros para o seu orçamento militar
6 milhões de crianças morrem de fome e outros 161 milhões sofrem de subnutrição crónica	EUA, Rússia, Alemanha, França e Reino Unido dominam 80% da venda de armas a nível mundial
18% da população portuguesa vivia, em 2006, no limiar da pobreza, isto é, com cerca de 379 euros por mês	Em 2007 Portugal gastou na Defesa 775,8 milhões de euros
	Morreram quase três vezes mais pessoas em conflitos no século XX, do que no conjunto dos quatro séculos anteriores

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 42º DIA MUNDIAL DA PAZ

COMBATER A POBREZA, CONSTRUIR A PAZ*

1. Desejo, também no início deste novo ano, fazer chegar os meus votos de paz a todos e, com esta minha Mensagem, convidá-los a reflectir sobre o tema: *Combater a pobreza, construir a paz*. Já o meu venerado antecessor João Paulo II, na Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1993, sublinhara as repercussões negativas que acaba por ter sobre a paz a situação de pobreza em que versam populações inteiras. De facto, a pobreza encontra-se frequentemente entre os factores que favorecem ou agravam os conflitos, mesmo os conflitos armados. Estes últimos, por sua vez, alimentam trágicas situações de pobreza. «Vai-se afirmando (...), com uma gravidade sempre maior – escrevia João Paulo II –, outra séria ameaça à paz: muitas pessoas, mais ainda, populações inteiras vivem hoje em condições de extrema pobreza. A disparidade entre ricos e pobres tornou-se mais evidente, mesmo nas nações economicamente mais desenvolvidas. Trata-se de um problema que se impõe à consciência da humanidade, visto que as condições em que se encontra um

grande número de pessoas são tais que ofendem a sua dignidade natural e, conseqüentemente, comprometem o autêntico e harmónico progresso da comunidade mundial».(1)

2. Neste contexto, combater a pobreza implica *uma análise atenta do fenómeno complexo que é a globalização*. Tal análise é já importante do ponto de vista metodológico, porque convida a pôr em prática o fruto das pesquisas realizadas pelos economistas e sociólogos sobre tantos aspectos da pobreza. Mas a evocação da globalização deveria revestir também um significado espiritual e moral, solicitando a olhar os pobres bem cientes da perspectiva que todos somos participantes de um único projecto divino: chamados a constituir uma única família, na qual todos – indivíduos, povos e nações – regulem o seu comportamento segundo os princípios de fraternidade e responsabilidade.

Em tal perspectiva, é preciso ter uma visão ampla e articulada da pobreza. Se esta fosse apenas material, para iluminar as

* © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana.

(1) *Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1993*, 1.

suas principais características, seriam suficientes as ciências sociais que nos ajudam a medir os fenómenos baseados sobretudo em dados de tipo quantitativo. Sabemos porém que existem pobreza imateriais, isto é, que não são consequência directa e automática de carências materiais. Por exemplo, nas sociedades ricas e avançadas, existem fenómenos de *marginalização, pobreza relacional, moral e espiritual*: trata-se de pessoas desorientadas interiormente, que, apesar do bem-estar económico, vivem diversas formas de transtorno. Penso, por um lado, no chamado «subdesenvolvimento moral»(2) e, por outro, nas consequências negativas do «superdesenvolvimento»(3). Não esqueço também que muitas vezes, nas sociedades chamadas «pobres», o crescimento económico é entravado por *impedimentos culturais*, que não permitem uma conveniente utilização dos recursos. Seja como for, não restam dúvidas de que toda a forma de pobreza imposta tem, na sua raiz, a falta de respeito pela dignidade transcendente da pessoa humana. Quando o homem não é visto na integridade da sua vocação e não se respeitam as exigências duma verdadeira «ecologia humana», (4) desencadeiam-se também as dinâmicas perversas da pobreza, como é evidente em alguns âmbitos sobre os quais passo a deter brevemente a minha atenção.

POBREZA E IMPLICAÇÕES MORAIS

3. A pobreza aparece muitas vezes associada, como se fosse sua causa, com o *desenvolvimento* demográfico. Em consequência disso, realizam-se campanhas de redução da natalidade, promovidas a nível

internacional, até com métodos que não respeitam a dignidade da mulher nem o direito dos esposos a decidirem responsavelmente o número dos filhos (5) e que muitas vezes – facto ainda mais grave – não respeitam sequer o direito à vida. O extermínio de milhões de nascituros, em nome da luta à pobreza, constitui na realidade a eliminação dos mais pobres dentre os seres humanos. Contra tal presunção, fala o dado seguinte: enquanto, em 1981, cerca de 40% da população mundial vivia abaixo da linha de pobreza absoluta, hoje tal percentagem aparece substancialmente reduzida a metade, tendo saído da pobreza populações caracterizadas precisamente por um incremento demográfico notável. O dado agora assinalado põe em evidência que existiriam os recursos para se resolver o problema da pobreza, mesmo no caso de um crescimento da população. E não se há-de esquecer que, desde o fim da segunda guerra mundial até hoje, a população da terra cresceu quatro mil milhões e tal fenómeno diz respeito, em larga medida, a países que surgiram recentemente na cena internacional como novas potências económicas e conheceram um rápido desenvolvimento graças precisamente ao elevado número dos seus habitantes. Além disso, dentre as nações que mais se desenvolveram, aquelas que detêm maiores índices de natalidade gozam de melhores potencialidades de progresso. Por outras palavras, a população confirma-se como uma riqueza e não como um factor de pobreza.

4. Outro âmbito de preocupação são as *pandemias*, como por exemplo a malária, a tuberculose e a SIDA, pois, na medida em que atingem os sectores produtivos da

(2) PAULO VI, Carta enc. *Populorum progressio*, 19.

(3) JOÃO PAULO II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 28.

(4) JOÃO PAULO II, Carta enc. *Centesimus annus*, 38.

(5) Cf. Paulo VI, Carta enc. *Populorum progressio*, 37; João Paulo II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 25.

OUTRAS MANEIRAS DE ASSINALAR O DIA MUNDIAL DA PAZ E USAR O TEMA

Para além de uma Missa pela paz, pode-se organizar uma paraliturgia pela paz, uma vigília da paz ou outro tipo de evento baseado no tema: *Combater a pobreza, Construir a paz*.

Propomos a seguir um conjunto de actividades* que podem ser realizadas com pessoas de todas as idades, desde que o animador adapte a linguagem de acordo com as características dos elementos do grupo.

1. AS OBRAS DE MISERICÓRDIA E AS OBRAS DE GUERRA

- Tomando por base as **Obras de Misericórdia**** *criar um painel/ilustração* contrapondo-lhes as **Obras de Guerra**. Por exemplo:

OBRAS DE MISERICÓRDIA	OBRAS DE GUERRA
Dar de comer a quem tem fome	Destruir colheitas e terras
Dar de beber a quem tem sede	Contaminar a água
Vestir os nus	Destruir casas
...	...

Tanto este painel/ilustração como a apresentação/quadro que se segue podem ser utilizados por vários grupos da Paróquia para reflectir sobre qual o significado da misericórdia e da justiça actualmente, ao nível paroquial, e quais os obstáculos que se lhes colocam.



* Actividades adaptadas da publicação da Pax Christi UK, *Peace Sunday 2009*.

** Assim chama a tradição cristã às práticas de caridade fraterna que concretizam o amor do próximo, especialmente do mais necessitado.

PERANTE A INJUSTIÇA ECONÓMICA E A POBREZA

Deus de Justiça, no nosso mundo há lugares em que transborda a comida; mas há outros em que não se tem o suficiente e onde os famintos e os doentes são imensos.

Deus de Paz, no nosso mundo há pessoas que tiram proveito da violência e da guerra, enquanto outros, por causa da guerra e da violência, são obrigados a abandonar os seus lares e a tornarem-se refugiados.

Deus de Compaixão, ajuda-nos a compreender que não podemos viver apenas do dinheiro, mas que podemos viver da Palavra de Deus. Ajuda-nos a compreender que não podemos chegar à vida e à prosperidade verdadeira a não ser amando a Deus e obedecendo à sua vontade e aos seus ensinamentos.

Isto te pedimos em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amén.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2009

PELA PAZ E PELA JUSTIÇA

Ó Deus, que amas a justiça e estabeleces a paz na terra, trazemos perante ti a desunião do nosso mundo hoje:

a violência absurda e todas as guerras que minam a coragem dos povos do mundo; o militarismo e a corrida armamentista que ameaçam a vida da terra; a ganância e a injustiça humanas que geram o ódio e o conflito.

Envia o teu Espírito e renova a face da terra; ensina-nos a ser compassivos para com toda a família humana; fortalece a vontade de todos aqueles e aquelas que lutam pela justiça e pela paz; conduz as nações pelos caminhos da paz, e dá-nos aquela paz que o mundo não pode dar.

*Textes litúrgiques: Louons Dieu et célébrons la vie
© Masamba ma Mpolo et Mengi Kilandamoko, Zaire, 1988*

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor,
façei de mim um instrumento da vossa paz:
onde houver ódio, que eu leve o amor;
onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
onde houver discórdia, que eu leve a união;
onde houver dúvida, que eu leve a fé;
onde houver erro, que eu leve a verdade;
onde houver desespero, que eu leve a esperança;
onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
onde houver trevas, que eu leve a luz.

Senhor, façei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado,
compreender que ser compreendido,
amar que ser amado.

Pois é dando que se recebe,
é perdendo que se é perdoado,
e é morrendo que se ressuscita para a vida eterna!

Oração atribuída a S. Francisco de Assis



SENHOR, PEDIMOS-TE PAZ

Senhor, pedimos-te
Paz para aqueles que choram em silêncio;
Paz para aqueles que não podem falar;
Paz quando a esperança parece desaparecer.

No meio da ira, da violência e da decepção,
No meio de guerras e destruição da terra:
Senhor, mostra-nos a tua luz na escuridão.

Senhor, pedimos-te
Paz para aqueles que levantam a sua voz para a exigir,
Paz quando há muitas pessoas que não
querem ouvir falar dela,
Paz enquanto encontramos o caminho para a justiça.

*Imagine peace. Bible Meditations and Worship Resources for
Advent. Conselho Mundial de Igrejas. 2008*

população, influem enormemente no agravamento das condições gerais do país. As tentativas para travar as consequências destas doenças na população nem sempre alcançam resultados significativos. E sucede além disso que os países afectados por algumas dessas pandemias se vêem, ao querer enfrentá-las, sujeitos a chantagem por parte de quem condiciona a ajuda económica à actuação de políticas contrárias à vida. Sobretudo a SIDA, dramática causa de pobreza, é difícil combatê-la se não se enfrentarem as problemáticas morais associadas com a difusão do vírus. É preciso, antes de tudo, fomentar campanhas que eduquem, especialmente os jovens, para uma sexualidade plenamente respeitadora da dignidade da pessoa; iniciativas realizadas nesta linha já deram frutos significativos, fazendo diminuir a difusão da SIDA. Depois há que colocar à disposição também das populações pobres os remédios e os tratamentos necessários; isto supõe uma decidida promoção da pesquisa médica e das inovações terapêuticas e, quando for preciso, uma aplicação flexível das regras internacionais de protecção da propriedade intelectual, de modo que a todos fiquem garantidos os necessários tratamentos sanitários de base.

5. Terceiro âmbito, que é objecto de atenção nos programas de luta contra a pobreza e que mostra a sua intrínseca dimensão moral, é a *pobreza das crianças*. Quando a pobreza atinge uma família, as crianças são as suas vítimas mais vulneráveis: actualmente quase metade dos que vivem em pobreza absoluta é constituída por crianças. O facto de olhar a pobreza colocando-se da parte das crianças induz a reter como prioritários os objectivos que

mais directamente lhes dizem respeito, como por exemplo os cuidados maternos, o serviço educativo, o acesso às vacinas, aos cuidados médicos e à água potável, a defesa do ambiente e sobretudo o empenho na defesa da família e da estabilidade das relações no seio da mesma. Quando a família se debilita, os danos recaem inevitavelmente sobre as crianças. Onde não é tutelada a dignidade da mulher e da mãe, a ressentir-se do facto são de novo principalmente os filhos.

6. Quarto âmbito que, do ponto de vista moral, merece particular atenção é a *relação existente entre desarmamento e progresso*. Gera preocupação o actual nível global de despesa militar. É que, como já tive ocasião de sublinhar, «os ingentes recursos materiais e humanos empregados para as despesas militares e para os armamentos, na realidade, são desviados dos projectos de desenvolvimento dos povos, especialmente dos mais pobres e necessitados de ajuda. E isto está contra o estipulado na própria *Carta das Nações Unidas*, que empenha a comunidade internacional, e cada um dos Estados em particular, a “promover o estabelecimento e a manutenção da paz e da segurança internacional com o mínimo dispêndio dos recursos humanos e económicos mundiais para os armamentos” (art. 26)».(6)

Uma tal conjuntura, longe de facilitar, obstaculiza seriamente a consecução dos grandes objectivos de desenvolvimento da comunidade internacional. Além disso, um excessivo aumento da despesa militar corre o risco de acelerar uma corrida aos armamentos que provoca faixas de subdesenvolvimento e desespero, transformando-se assim, paradoxalmente, em factor de instabilidade, tensão e conflito. Como

(6) BENTO XVI, *Carta* ao Cardeal Renato Rafael Martino por ocasião do Seminário Internacional organizado pelo Conselho Pontifício «Justiça e Paz» sobre o tema «Desarmamento, desenvolvimento e paz. Perspectivas para um desarmamento integral», 10 de Abril de 2008: *L'Osservatore Romano* (13/IV/2008), p. 8.

sensatamente afirmou o meu venerado antecessor Paulo VI, «o desenvolvimento é o novo nome da paz». (7) Por isso, os Estados são chamados a fazer uma séria reflexão sobre as razões mais profundas dos conflitos, frequentemente atizados pela injustiça, e a tomar providências com uma corajosa autocrítica. Se se chegar a uma melhoria das relações, isso deverá consentir uma redução das despesas para armamentos. Os recursos poupados poderão ser destinados para projectos de desenvolvimento das pessoas e dos povos mais pobres e necessitados: o esforço despendido em tal direcção é um serviço à paz no seio da família humana.

7. Quinto âmbito na referida luta contra a pobreza material diz respeito à *crise alimentar actual*, que põe em perigo a satisfação das necessidades de base. Tal crise é caracterizada não tanto pela insuficiência de alimento, como sobretudo pela dificuldade de acesso ao mesmo e por fenómenos especulativos e, consequentemente, pela falta de um reajustamento de instituições políticas e económicas que seja capaz de fazer frente às necessidades e às emergências. A má nutrição pode também provocar graves danos psicofísicos nas populações, privando muitas pessoas das energias de que necessitam para sair, sem especiais ajudas, da sua situação de pobreza. E isto contribui para alargar a distância angular das desigualdades, provocando reacções que correm o risco de tornar-se violentas. Todos os dados sobre o andamento da pobreza relativa nos últimos decénios indicam um aumento do fosso entre ricos e pobres. Causas princi-

pais de tal fenómeno são, sem dúvida, por um lado a evolução tecnológica, cujos benefícios se concentram na faixa superior da distribuição do rendimento, e por outro a dinâmica dos preços dos produtos industriais, que crescem muito mais rapidamente do que os preços dos produtos agrícolas e das matérias primas na posse dos países mais pobres. Isto faz com que a maior parte da população dos países mais pobres sofra uma dupla marginalização, ou seja, em termos de rendimentos mais baixos e de preços mais altos.

LUTA CONTRA A POBREZA E SOLIDARIEDADE GLOBAL

8. Uma das estradas mestras para construir a paz é uma globalização que tenha em vista os interesses da grande família humana. (8) Mas, para guiar a globalização é preciso uma forte *solidariedade global* (9) entre países ricos e países pobres, como também no âmbito interno de cada uma das nações, incluindo ricas. É necessário um «código ético comum» (10) cujas normas não tenham apenas carácter convencional mas estejam radicadas na lei natural inscrita pelo Criador na consciência de todo o ser humano (cf. *Rm 2, 14-15*). Porventura não sente cada um de nós, no íntimo da consciência, o apelo a dar a própria contribuição para o bem comum e a paz social? A globalização elimina determinadas barreiras, mas isto não significa que não possa construir outras novas; aproxima os povos, mas a proximidade geográfica e temporal não cria, de per si, as condições para uma verdadeira comunhão e

COMO PODEMOS?

Como podemos partir o pão e não nos lembrarmos daqueles e daquelas que não têm pão?

Como podemos reunir-nos e não nos lembrarmos daqueles e daquelas que estão separados das suas famílias e amigos?

Como podemos abrigar-nos aqui e não nos lembrarmos daqueles e daquelas cujo único abrigo é um campo de refugiados ou uma caixa de papelão?

Como podemos falar de paz e não nos lembrarmos daqueles e daquelas cuja paz está despedaçada pelo medo constante e pelo estrépito das armas?

Como podemos cantar os nossos hinos e não nos lembrarmos daqueles e daquelas que não conseguem expressar abertamente as suas crenças religiosas?

Como podemos oferecer os nossos presentes e não nos lembrarmos daqueles e daquelas que estão apanhados pelo interminável ciclo da pobreza e da dívida?

Como podemos beber vinho e não nos lembrarmos daqueles e daquelas que se encontram prisioneiros do vício da bebida, das seringas ou das drogas?

Como podemos festejar e não nos lembrarmos daqueles e daquelas que sofrem de depressão, doença mental ou tristeza?

Deus da experiência humana nascido num estábulo em Belém
Espírito vivo em nós hoje
No nosso partir do pão e no beber do vinho, oxalá possamos olhar para fora para o sofrimento do nosso mundo lembrando a esperança do teu shalom.

© Clare McBeath and Tim Presswood
[From *Crumbs of Hope: Prayers from the City Inspire/ MPH, Peterborough UK 2006*]



PERANTE A GUERRA E A VIOLÊNCIA

Senhor, que te entregaste na cruz pela unidade do género humano, nós te oferecemos a nossa humanidade ferida pelo egoísmo, pela arrogância, pela vaidade e pela ira.

Senhor, não abandones os oprimidos que sofrem todos os tipos de violência, ira e ódio, vítimas de falsas crenças e de divergências ideológicas.

Senhor, estende até nós as tuas mãos compassivas e cuida do teu povo, para que possamos desfrutar da paz e da alegria que fazem parte da tua criação.

Senhor, faz com que todos os cristãos trabalhem juntos para que se cumpra a tua justiça, em vez da nossa.

Dá-nos coragem para ajudar os outros a levar a sua cruz, em lugar de colocar as nossas próprias sobre os seus ombros.

Senhor, ensina-nos a sabedoria de tratar os nossos inimigos com amor em vez de os odiar. Ámen.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2009

PERANTE AS DISCRIMINAÇÕES E OS PRECONCEITOS SOCIAIS

Senhor, ajuda-nos a reconhecer as discriminações e exclusões que marcam as nossas sociedades. Conduz o nosso olhar e ajuda-nos a reconhecer os nossos próprios preconceitos. Ensina-nos a banir todo o desprezo e a saborear a alegria de viver juntos na unidade. Ámen.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2009

(7) Carta enc. *Populorum progressio*, 87.

(8) Cf. JOÃO PAULO II, Carta enc. *Centesimus annus*, 58.

(9) Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso* na Audiência às Associações Cristãs de Trabalhadores Italianos [ACLI] (27 de Abril de 2002), 4: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXV/1 [2002], 637.

(10) JOÃO PAULO II, *Discurso* à Assembleia Plenária da Academia Pontifícia das Ciências Sociais (27 de Abril de 2001), 4: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXIV/1 [2001], 802.

COLECTÂNEA DE ORAÇÕES

DÁ-ME UM CORAÇÃO...

Dá-me um coração de POBRE
Capaz de amar, de se abrir e de se entregar.

Dá-me um coração PACIENTE
Capaz de amar e de viver na esperança

Dá-me um coração PACÍFICO
Capaz de amar e de semear a paz no mundo.

Dá-me um coração JUSTO
Capaz de amar e de tudo arriscar pela justiça.

Dá-me um coração MISERICORDIOSO
Capaz de amar, de compreender e de perdoar.

Dá-me um coração SENSÍVEL.
Capaz de amar e de chorar sem desalentos.

Dá-me um coração PURO
Capaz de amar e de descobrir Deus na pessoa do outro.

Dá-me um coração FORTE
Capaz de amar e fiel até à morte.

Dá-me um coração EVANGÉLICO
Capaz de amar.

ORAÇÃO PARA VIVER COM SIMPLICIDADE

Deus compassivo e bondoso,
criaste o mundo para ser partilhado por todos,
um mundo de beleza e abundância.
Cria em nós o desejo de viver de forma simples,
para que as nossas vidas
possam espelhar a tua generosidade

Deus criador,
deste-nos a responsabilidade sobre a terra,
um mundo de riqueza e encanto.

Cria em nós o desejo de viver de forma sustentável,
para que aqueles que nos sucederem
possam gozar dos frutos da tua criação.

Deus de paz e justiça,
deste-nos a capacidade de mudar,
de suscitar um mundo que espelhe a tua sabedoria.

Cria em nós o desejo de agir em solidariedade,
para que os pilares da injustiça desabem
e aqueles que agora estão esmagados sejam libertados. Amén.

© 2006 Conselho Mundial de Igrejas

© Linda Jones / CAFOD

Μακάριοι ὁ εἰρηνοποιοὶ ὅτι αὐτοὶ υἱοὶ Θεοῦ κληθήσονται.
Mateus 5,9

uma paz autêntica. A marginalização dos pobres da terra só pode encontrar válidos instrumentos de resgate na globalização, se cada homem se sentir pessoalmente atingido pelas injustiças existentes no mundo e pelas violações dos direitos humanos ligadas com elas. A Igreja, que é «sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano», (11) continuará a dar a sua contribuição para que sejam superadas as injustiças e incompreensões e se chegue a construir um mundo mais pacífico e solidário.

9. No campo do *comércio internacional* e das *transacções financeiras*, temos hoje em acção processos que permitem integrar positivamente as economias, contribuindo para o melhoramento das condições gerais; mas há também processos de sentido oposto, que dividem e marginalizam os povos, criando perigosas premissas para guerras e conflitos. Nos decénios posteriores à segunda guerra mundial, o comércio internacional de bens e serviços cresceu de forma extraordinariamente rápida, com um dinamismo sem precedentes na história. Grande parte do comércio mundial interessou os países de antiga industrialização, vindo significativamente juntar-se-lhes muitos países que sobressaíram tornando-se relevantes. Mas há outros países de rendimento baixo que estão ainda gravemente marginalizados dos fluxos comerciais. O seu crescimento ressentiu-se negativamente com a rápida descida verificada, nos últimos decénios, nos preços dos produtos primários, que constituem a quase totalidade das suas exportações. Nestes países, em grande parte africanos, a dependência das exportações de produtos primários continua a constituir um poderoso factor de risco.

Quero reiterar aqui um apelo para que todos os países tenham as mesmas possibilidades de acesso ao mercado mundial, evitando exclusões e marginalizações.

10. Idêntica reflexão pode fazer-se a propósito do mercado financeiro, que toca um dos aspectos primários do fenómeno da globalização, devido ao progresso da electrónica e às políticas de liberalização dos fluxos de dinheiro entre os diversos países. A função objectivamente mais importante do mercado financeiro, que é a de sustentar a longo prazo a possibilidade de investimentos e consequentemente de desenvolvimento, aparece hoje muito frágil: sofre as consequências negativas de um sistema de transacções financeiras – a nível nacional e global – baseadas sobre uma lógica de brevíssimo prazo, que busca o incremento do valor das actividades financeiras e se concentra na gestão técnica das diversas formas de risco. A própria crise recente demonstra como a actividade financeira seja às vezes guiada por lógicas puramente auto-referenciais e desprovidas de consideração pelo bem comum a longo prazo. O nivelamento dos objectivos dos operadores financeiros globais para o brevíssimo prazo reduz a capacidade de o mercado financeiro realizar a sua função de ponte entre o presente e o futuro: apoio à criação de novas oportunidades de produção e de trabalho a longo prazo. Uma actividade financeira confinada no breve e brevíssimo prazo torna-se perigosa para todos, inclusivamente para quem consegue beneficiar dela durante as fases de euforia financeira. (12)

11. Segue-se de tudo isto que a luta contra a pobreza requer uma cooperação nos planos económico e jurídico que permita à comunidade internacional e especialmen-

(11) CONCÍLIO ECUM. VATICANO II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 1.

(12) Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 368.

te aos países pobres individualizem e actuarem soluções coordenadas para enfrentar os referidos problemas através da realização de um quadro jurídico eficaz para a economia. Além disso, requer estímulos para se criarem instituições eficientes e participativas, bem como apoios para lutar contra a criminalidade e promover uma cultura da legalidade. Por outro lado, não se pode negar que, na origem de muitos falhanços na ajuda aos países pobres, estão as políticas vincadamente assistencialistas. Investir na formação das pessoas e desenvolver de forma integrada uma cultura específica da iniciativa parece ser actualmente o verdadeiro projecto a médio e longo prazo. Se as actividades económicas precisam de um contexto favorável para se desenvolver, isto não significa que a atenção se deva desinteressar dos problemas do rendimento. Embora se tenha oportunamente sublinhado que o aumento do rendimento *pro capite* não pode de forma alguma constituir o fim da acção político-económica, todavia não se deve esquecer que o mesmo representa um instrumento importante para se alcançar o objectivo da luta contra a fome e contra a pobreza absoluta. Deste ponto de vista, seja banida a ilusão de que uma política de pura redistribuição da riqueza existente possa resolver o problema de maneira definitiva. De facto, numa economia moderna, o valor da riqueza depende em medida determinante da capacidade de criar rendimento presente e futuro. Por isso, a criação de valor surge como um elo imprescindível, que se há-de ter em conta se se quer lutar contra a pobreza material de modo eficaz e duradouro.

12. Colocar os pobres em primeiro lugar implica, finalmente, que se reserve espaço

adequado para uma *correcta lógica económica* por parte dos agentes do mercado internacional, uma *correcta lógica política* por parte dos agentes institucionais e uma *correcta lógica participativa* capaz de valorizar a sociedade civil local e internacional. Hoje os próprios organismos internacionais reconhecem o valor e a vantagem das iniciativas económicas da sociedade civil ou das administrações locais para favorecer o resgate e a integração na sociedade daquelas faixas da população que muitas vezes estão abaixo do limiar de pobreza extrema mas, ao mesmo tempo, dificilmente se consegue fazer-lhes chegar as ajudas oficiais. A história do progresso económico do século XX ensina que boas políticas de desenvolvimento são confiadas à responsabilidade dos homens e à criação de positivas sinergias entre mercados, sociedade civil e Estados. Particularmente a sociedade civil assume um papel crucial em todo o processo de desenvolvimento, já que este é essencialmente um fenómeno cultural e a cultura nasce e se desenvolve nos diversos âmbitos da vida civil.⁽¹³⁾

13. Como observava o meu venerado antecessor João Paulo II, a globalização «apresenta-se com uma acentuada característica de ambivalência», ⁽¹⁴⁾ pelo que há-de ser dirigida com clarividente sabedoria. Faz parte de tal sabedoria ter em conta primariamente as exigências dos pobres da terra, superando o escândalo da desproporção que se verifica entre os problemas da pobreza e as medidas predispostas pelos homens para os enfrentar. A desproporção é de ordem tanto cultural e política como espiritual e moral. De facto, tais medidas detêm-se frequentemente nas causas superficiais e instrumentais da

(13) Cf. *ibid.*, 356.

(14) *Discurso* na Audiência a Dirigentes de Sindicatos de Trabalhadores e de grandes Empresas, (2 de Maio de 2000), 3: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXIII/1 [2000], 726.

ORAÇÃO DOS FIÉIS

1. *Pela Igreja, sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano:* Para que continue a dar a sua contribuição para que sejam superadas as injustiças e incompreensões e se chegue a construir um mundo mais pacífico e solidário. OREMOS AO SENHOR:
2. *Pelo Papa Bento XVI:* Para que o Senhor o acompanhe no seu compromisso a favor da paz no mundo e que o ensino da Igreja se torne inspiração para um agir cristão mais empenhado no respeito pela dignidade transcendental da pessoa humana no mundo. OREMOS AO SENHOR:
3. *Pelos governantes das nações:* Para que, empenhando-se na melhoria das relações internas e externas, reduzam as despesas militares para armamento e destinem os recursos poupados para projectos de desenvolvimento das pessoas e dos povos mais pobres e necessitados, prestando assim um serviço à paz no seio da família humana. OREMOS AO SENHOR:
4. *Por aquelas áreas do planeta que vivem ainda hoje grandes divisões e fortes conflitos que alimentam trágicas situações de pobreza:* Para que acabem de vez os conflitos fratricidas, se consolidem os processos de reconciliação, de democracia e de desenvolvimento e seja assegurada, a cada um dos seus habitantes, uma existência normal. OREMOS AO SENHOR:
5. *Por todos aqueles, homens e mulheres, que lutam contra a pobreza:* Para que vivam profundamente a fraternidade e sejam capazes de acompanhar pessoas, famílias e comunidades por percursos de autêntico progresso humano. OREMOS AO SENHOR:
6. *Por todos nós aqui reunidos:* Para que sentindo ressoar constantemente no nosso coração o mandato do Príncipe da paz aos Apóstolos: «Dai-lhes vós mesmos de comer», alarguemos o nosso coração às necessidades dos pobres e façamos tudo o que nos for concretamente possível para ir em seu socorro. OREMOS AO SENHOR:

BÊNÇÃO FINAL

Que o Senhor se compadeça de nós e nos dê a sua bênção.

Que o Senhor faça resplandecer sobre nós a luz do seu rosto.

Que o Senhor nos proteja no caminho que nos conduz à paz, tal como as mãos de uma mãe protegem o filho, que tem no ventre, das ameaças, dos perigos e da violência.

DESPEDIDA

Vamos em paz, e que, ao longo deste ano que hoje começa, a Estrela da Paz continue a iluminar o nosso caminho;

que continuemos a descobrir sinais de paz no rosto de todos

– homens, mulheres, adultos, jovens ou crianças –,

onde quer que nos encontremos

– em casa, no trabalho, na escola, na igreja, na cidade ou no campo –,

de modo a tornar os nossos sonhos em realidade,

e a colocar um fim à violência, “para que haja paz na terra e glória no céu”.

socorro, visto que «no mundo global de hoje, resulta de forma cada vez mais evidente que só é possível construir a paz, se se assegurar a todos a possibilidade de um razoável crescimento», como bem sublinha o Papa.

No início deste novo ano aceitemos o convite de Bento XVI e ajamos em conformidade com o axioma: *Combater a pobreza é construir a paz!*

ACTO PENITENCIAL

Até quando...*

Até quando continuarão a morrer mais de cinquenta mil crianças por dia, vítimas da fome, de doenças evitáveis, da falta de higiene e de cuidados básicos de saúde, incluindo a vacinação?

Até quando cerca de mil milhões de pessoas continuarão a viver em bairros miseráveis urbanos?

Até quando alguns milhões de crianças ficarão privadas de educação elementar e serão forçadas a trabalhar em condições próximas do trabalho escravo?

Até quando irá durar o trabalho sem condições e sem remuneração bastante para assegurar uma vida digna?

Até quando se desperdiçará em cada dia que passa as capacidades de milhões de pessoas, particularmente das mulheres, que não encontram oportunidades de inserção nas economias dos respectivos países?

Até quando se perderão milhões de vidas humanas com morte prematura por não terem acesso a medicamentos e outros cuidados de saúde?

Até quando continuará o mundo a gastar 10 vezes mais em armas do que em ajuda humanitária?

(Momento de silêncio)

Porque não temos sido capazes de responder plenamente ao projecto divino de constituir uma única família, na qual todos regulem o seu comportamento segundo os princípios de fraternidade e responsabilidade, voltemo-nos para Cristo em oração:

Senhor Jesus, filho de Maria, nascido num estábulo, amigo dos pobres,

Senhor, misericórdia.

Cristo Jesus, Príncipe da Paz, portador de união a um mundo dividido,

Cristo, misericórdia.

Senhor Jesus, Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo,

Senhor, misericórdia.

* Adaptado de COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ — *Por um desenvolvimento global e solidário — um compromisso de cidadania*. Nota de apresentação dirigida aos Órgãos de comunicação social. 2007. Disponível na página Web da CNJP em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/instituicao/pub/61/noticia.asp?jornalid=61¬iciaid=32289>.

pobreza, sem chegar às que se abrigam no coração humano, como a avidez e a estreiteza de horizontes. Os problemas do desenvolvimento, das ajudas e da cooperação internacional são às vezes enfrentados sem um verdadeiro envolvimento das pessoas, mas apenas como questões técnicas que se reduzem à preparação de estruturas, elaboração de acordos tarifários, atribuição de financiamentos anónimos. Inversamente, a luta contra a pobreza precisa de homens e mulheres que vivam profundamente a fraternidade e sejam capazes de acompanhar pessoas, famílias e comunidades por percursos de autêntico progresso humano.

CONCLUSÃO

14. Na Encíclica *Centesimus annus*, João Paulo II advertia para a necessidade de «abandonar a mentalidade que considera os pobres – pessoas e povos – como um fardo e como importunos maçadores, que pretendem consumir tudo o que os outros produziram». «Os pobres – escrevia ele – pedem o direito de participar no usufruto dos bens materiais e de fazer render a sua capacidade de trabalho, criando assim um mundo mais justo e mais próspero para todos».(15) No mundo global de hoje, resulta de forma cada vez mais evidente que só é possível construir a paz, se se assegurar a todos a possibilidade de um razoável crescimento: de facto, as consequências das distorções de sistemas injustos, mais cedo ou mais tarde, fazem-se sentir sobre todos. Deste modo, só a insensatez pode induzir a construir um palácio dourado, tendo porém ao seu redor o deserto e o degrado. Por si só, a globalização não consegue construir a paz;

antes, em muitos casos, cria divisões e conflitos. A mesma põe a descoberto sobretudo uma urgência: a de ser orientada para um objectivo de profunda solidariedade que aponte para o bem de cada um e de todos. Neste sentido, a globalização há-de ser vista como uma ocasião propícia para realizar algo de importante na luta contra a pobreza e colocar à disposição da justiça e da paz recursos até agora impensáveis.

15. Desde sempre se interessou pelos pobres a doutrina social da Igreja. Nos tempos da Encíclica *Rerum novarum*, pobres eram sobretudo os operários da nova sociedade industrial; no magistério social de Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI e João Paulo II, novas pobreza foram vindo à luz à medida que o horizonte da questão social se alargava até assumir dimensões mundiais.(16) Este alargamento da questão social à globalidade não deve ser considerado apenas no sentido dum extensão quantitativa mas também dum aprofundamento qualitativo sobre o homem e as necessidades da família humana. Por isso a Igreja, ao mesmo tempo que segue com atenção os fenómenos actuais da globalização e a sua incidência sobre as pobreza humanas, aponta os novos aspectos da questão social, não só em extensão mas também em profundidade, no que se refere à identidade do homem e à sua relação com Deus. São princípios de doutrina social que tendem a esclarecer os vínculos entre pobreza e globalização e a orientar a acção para a construção da paz. Dentre tais princípios, vale a pena recordar aqui, de modo particular, o «amor preferencial pelos pobres», (17) à luz do primado da caridade testemunhado por toda a tradição cristã a par-

(15) N. 28.

(16) Cf. PAULO VI, Carta enc. *Populorum progressio*, 3.

(17) JOÃO PAULO II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 42; cf. Carta enc. *Centesimus annus*, 57.

tir dos primórdios da Igreja (cf. *Act* 4, 32-37; *1 Cor* 16, 1; *2 Cor* 8-9; *Gal* 2, 10).

«Cada um entregue-se à tarefa que lhe incumbe com a maior diligência possível» – escrevia em 1891 Leão XIII, acrescentando: «Quanto à Igreja, a sua acção não faltará em nenhum momento».(18) Esta consciência acompanha hoje também a acção da Igreja em favor dos pobres, nos quais vê Cristo,(19) sentindo ressoar constantemente em seu coração o mandato do Príncipe da paz aos Apóstolos: «*Vos date illis manducare* – dai-lhes vós mesmos de comer» (*Lc* 9, 13). Fiel a este convite do seu Senhor, a Comunidade Cristã não deixará, pois, de assegurar o seu apoio à família humana inteira nos seus impulsos de solidariedade criativa, tendentes não só a partilhar o supérfluo, mas sobretudo a alterar «os estilos de vida, os modelos de produção e de consumo, as estruturas consolidadas de poder que hoje regem as sociedades».(20) Assim, a cada discípulo de Cristo bem como a toda a pessoa de boa vontade, dirijo, no início de um novo ano, um caloroso convite a alargar o coração às necessidades dos pobres e a fazer tudo o que lhe for concretamente possível para ir em seu socorro. De facto, aparece como indiscutivelmente verdadeiro o axioma «combater a pobreza é construir a paz».

Vaticano, 8 de Dezembro de 2008.



(18) LEÃO XIII, Carta enc. *Rerum novarum*, 45.

(19) Cf. JOÃO PAULO II, Carta enc. *Centesimus annus*, 58.

(20) *Ibid.*, 58.

“E m 2006 o mundo gastou 1,2 mil milhões de dólares em armamento, enquanto se estragou comida no valor de 100 mil milhões de dólares. E o excesso de consumo por pessoas obesas chegou a 20 mil milhões a nível mundial.

Jacques Diouf (Director-geral da FAO)

SUGESTÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 2009

LITURGIA DO DIA

INTRODUÇÃO À CELEBRAÇÃO

Hoje, primeiro dia de um novo ano, o Papa Bento XVI, no âmbito da celebração do 42º Dia Mundial da Paz, convida-nos a reflectir sobre o tema “*Combater a pobreza, construir a paz*”. Trata-se de um tema candente, um tema de extrema actualidade, uma vez que a situação de pobreza afecta milhares dos nossos irmãos e irmãs que partilham connosco esta casa comum que é a Terra. De facto, os números dizem-nos que, no mundo,

- * 900 milhões de pessoas vivem com menos de 70 cêntimos por dia;
- * Cada 6 segundos uma criança morre de fome e há mais de 800 milhões de pessoas em países pobres que não têm comida suficiente para satisfazer as suas necessidades calóricas básicas;
- * Cerca de 75 milhões de crianças não vão à escola e há cerca de 776 milhões de iletrados, dos quais dois terços são mulheres;
- * Cerca de 11 milhões de crianças morrem antes dos 5 anos de idade devido a causas que poderiam ser evitadas;
- * 1.100 milhões de pessoas – 20% da população mundial – não têm acesso a água potável em quantidade suficiente e 2600 mil milhões vivem sem saneamento básico;
- * 39,5 milhões de pessoas estão infectadas pelo **VIH/SIDA**, anualmente há 300 milhões de novos casos de **malária** e a **tuberculose** reclama 1,7 milhões de vidas por ano;
- * 20% da população mundial consome 80% dos recursos do nosso planeta.

Esta situação de extrema pobreza, além de atentar contra a dignidade transcendente da pessoa humana e os seus direitos fundamentais, constitui uma séria ameaça à paz. «De facto — escreve Bento XVI —, a pobreza encontra-se frequentemente entre os factores que favorecem ou agravam os conflitos, mesmo os conflitos armados. Estes últimos, por sua vez, alimentam trágicas situações de pobreza».

Somos, pois, convidados, como discípulos de Cristo, a alargar o nosso coração às necessidades dos pobres e a fazer tudo o que nos for concretamente possível para ir em seu

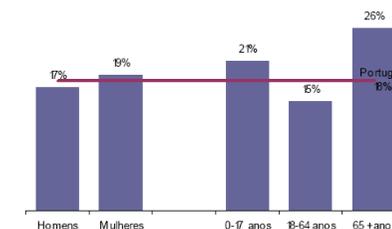
A POBREZA EM PORTUGAL*

O Inquérito às Condições de Vida e Rendimento (EUSILC) realizado em 2007 junto das famílias, indica que 18% dos indivíduos residentes em Portugal se encontravam em risco de pobreza, mantendo-se o valor estimado para o ano anterior. Para este inquérito, a taxa de risco de pobreza corresponde à proporção de habitantes com rendimentos anuais por adulto equivalente inferiores a €4.544 em 2006 (cerca de €379 por mês), o que reflecte um crescimento do limiar de pobreza de 4% face ao ano anterior. Este limiar, ou linha de pobreza relativa, corresponde a 60% da mediana da distribuição dos rendimentos monetários líquidos equivalentes.

RISCO DE POBREZA SEGUNDO O SEXO E GRUPO ETÁRIO

Tal como nos anos anteriores, conclui-se que o risco de pobreza afectava sobretudo os idosos, com uma taxa de risco de 26%. Destes, verificava-se uma maior preponderância para as mulheres (27% de mulheres idosas em risco de pobreza, face a 24% de homens idosos). Esta observação evidencia uma diferença de maior amplitude, face a 2006, em relação à comparação entre sexos para a população residente total, em que se estimava uma proporção de 19% de mulheres em risco de pobreza face a 17% de homens em risco de pobreza. Também os menores registavam uma taxa de pobreza superior à média nacional, estimando-se que 21% das pessoas com idade inferior a 18 anos se encontravam em risco de pobreza.

Taxa de risco de pobreza segundo o sexo e grupo etário, Portugal, EU-SILC 2007

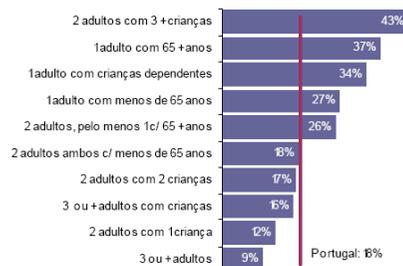


* INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA — *Rendimento e Condições de Vida*. 2007.

RISCO DE POBREZA POR COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR

A análise do risco de pobreza por composição do agregado familiar evidencia que eram os agregados constituídos por um adulto com crianças, os idosos a viver sós, e as famílias compostas por dois adultos e três ou mais crianças dependentes, os que apresentavam as taxas de risco de pobreza mais elevadas, respectivamente com 34%, 37% e 43%, valores bastante superiores à média nacional de 18%. Os agregados constituídos por três ou mais adultos sem crianças dependentes e por dois adultos com uma criança registavam as taxas de risco de pobreza mais baixas, respectivamente 9% e 12%.

Taxa de risco de pobreza segundo a composição do agregado familiar, Portugal, EU-SILC 2007



RISCO DE POBREZA DE ACORDO COM A INTENSIDADE LABORAL

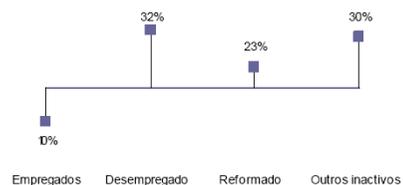
O estudo das taxas de risco de pobreza de acordo com a intensidade laboral, permite concluir que o risco de pobreza registava valores reduzidos para as famílias em que todos os indivíduos não dependentes trabalharam durante todos os meses do período de referência, independentemente de existirem ou não crianças a cargo. O risco de pobreza é bastante mais elevado para os agregados com maiores proporções de número de meses de não trabalho para o total dos seus membros não dependentes, com especial relevância nas famílias com crianças dependentes.

Taxa de risco de pobreza por intensidade laboral dos membros não dependentes do agregado, Portugal, EU-SILC 2004-2007

	Unidade: %			
	2004	2005	2006	2007 (P _a)
Agregados sem crianças dependentes				
Todos os meses sem trabalho	32	33	33	36
Alguns meses com trabalho	14	11	12	13
Todos os meses com trabalho	7	7	9	9
Agregados com crianças dependentes				
Todos os meses sem trabalho	56	62	73	74
Menor parte dos meses com trabalho	41	39	39	45
Maior parte dos meses com trabalho	27	27	25	24
Todos os meses com trabalho	10	10	8	5

P_a - Valor provisório
EU-SILC: Inquérito às Condições de Vida e Rendimento

Taxa de risco de pobreza segundo a condição perante o trabalho, Portugal, EU-SILC 2007



RISCO DE POBREZA SEGUNDO A CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO

De acordo com o inquérito realizado em 2007, o risco de pobreza para a população em situação de desemprego era de 32%, valor ligeiramente superior ao do ano anterior (31%). Esta condição afectava mais os homens, com 37%, do que as mulheres, com 28%. Por outro lado, a

Myanmar, Filipinas, Mindanao, Sri Lanka, Rússia, Iraque, Israel e Turquia. Também foram tidas em conta as 61 operações de paz desenvolvidas no mesmo período, o número mais elevado desde 1999.

Os EUA são os grandes «campeões» em gastos militares, com 45% do total mundial, sendo que o pódio fica completo com o Reino Unido e a China. O SIPRI informa ainda que a venda de armas aumentou oito por cento em apenas um ano, sendo que também neste aspecto os norte-americanos dominam completamente o «top 100». Juntamente com os EUA, Rússia, Alemanha, França e Reino Unido completam 80 por cento do volume de transferências.

Outro dos aspectos levados em conta pelo instituto sediado em Estocolmo foi a posse de armas nucleares. No início do corrente ano, estimam-se 10.200 armas prontas a usar que pertencem a apenas oito países: Rússia, EUA, França, Reino Unido, China, Israel, Índia e Paquistão. No entanto, o cálculo é subjectivo, pois poderão haver muitas mais armas do género cujo paradeiro é desconhecido.

IOL Diário

Os 15 países com gastos militares mais elevados em 2007

Posição	País	Gastos (mil milhões de US\$)	Participação mundial (%)
1	EUA	547	45
2	Reino Unido	59.7	5
3	China	58.3	5
4	França	53.6	4
5	Japão	43.6	4
6	Alemanha	36.9	3
7	Rússia	35.4	
8	Arábia Saudita	33.8	3
9	Itália	33.1	3
10	Índia	24.2	2
11	Coreia do Sul	22.6	2
12	Brasil	15.3	1
13	Canadá	15.2	1
14	Austrália	15.1	1
15	Espanha	14.6	1

SIPRI Yearbook 2008: Armaments, Disarmament and International Security. Summary, p. 11.

“Renovo o apelo a fim de que os Estados reduzam a despesa militar para os armamentos e tomem em séria consideração a ideia de criar um fundo mundial a destinar a projectos de desenvolvimento pacífico dos povos.

Bento XVI

GASTOS MILITARES NÃO PARAM DE AUMENTAR*

Governos gastam 190 vezes mais em armas do que na luta contra a fome

Mais de 850.000 milhões de euros, quase 130 euros *per capita*. A enorme quantia refere-se aos gastos militares no ano de 2007 em todo o mundo. O número é ainda mais chocante quando comparado com as promessas da última reunião da Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO), onde os governos se comprometeram a destinar 4.500 milhões de euros para a luta contra a fome. Ou seja, o mundo gasta cerca de 190 vezes mais dinheiro em armas do que no combate à crise de alimentos.

Os dados foram revelados pelo Instituto Internacional de Investigação para a Paz (SIPRI), no seu relatório anual intitulado «Armamentos, Desarmamentos e Segurança Internacional». Nos últimos dez anos, as despesas militares quase duplicaram em todo o mundo. As estimativas demonstram ainda que estes gastos aumentaram seis por cento em relação a 2006 e são já quase o dobro dos verificados em 1998.

O estudo analisou os 14 conflitos armados que decorreram em 2007 na Somália, Colômbia, Peru, EUA, Afeganistão, Índia,

GASTOS MILITARES, 2007		
<i>Gastos militares por região e por grupo de rendimentos, 2007</i>		
	Gastos militares, 2007 (mil milhões de US\$)	Evolução, 1998-2007 (%)
Total mundial	1 339	+45
África	18.5	+51
América	640	+63
Ásia e Oceânia	219	+52
Europa	370	+16
Médio Oriente	91.5	+62
Países de baixos rendimentos	41.9	
Países de rendimentos médio-baixos	152	
Países de rendimentos médio-altos	107	
Países de altos rendimentos	1 039	

SIPRI Yearbook 2008: Armaments, Disarmament and International Security. Summary, p. 10.

* <http://diario.iol.pt/internacional/eua-gastos-militares-sipri/960890-4073.html>.

população empregada (seja por conta de outrem, seja por conta própria) registava uma taxa de risco de pobreza de 10%, o que reflecte uma ligeira melhoria face ao exercício anterior (11%). A taxa de pobreza para a população reformada mantinha-se em 23%.

IMPACTO DAS TRANSFERÊNCIAS SOCIAIS

O impacto das transferências sociais (excluindo pensões) na redução da taxa de pobreza foi de 6 pontos percentuais.

Considerando apenas os rendimentos do trabalho, de capital e transferências privadas, 40% da população residente em Portugal estaria em risco de pobreza. Os rendimentos provenientes de pensões de reforma e sobrevivência resultaram num decréscimo de 16 pontos percentuais na percentagem de indivíduos em risco de pobreza, observando-se uma taxa de risco de pobreza após pensões, e antes de transferências sociais, de 24% (25% no ano anterior e 26%, de acordo com o inquérito de 2005). As transferências sociais, relacionadas com a doença e incapacidade, família, desemprego e inserção social, reduziram em 6 pontos percentuais a proporção da população em risco de pobreza.

DESIGUALDADE DE RENDIMENTOS

A distância entre os 20% com maiores rendimentos e os 20% com menores rendimentos reduz-se de 6,8 para 6,5.

De acordo com o mesmo inquérito, o rendimento monetário líquido equivalente dos 20% da população com maiores recursos correspondia a 6,5 vezes o rendimento dos 20% da população com mais baixos recursos (com valores de 6,8 no ano anterior e 6,9 de acordo com os inquéritos realizados em 2005 e 2004).

Taxa de risco de pobreza (%) considerando as transferências sociais, Portugal, EU-SILC 2004-2007

	EU-SILC	2004	2005	2006	2007 (P ₁)
Após transferências sociais		20	19	18	18
Após transferências relativas a pensões		27	26	25	24
Antes de qualquer transferência social		41	41	40	40

P₁ - Valor provisório
EU-SILC: Inquérito às Condições de Vida e Rendimento

Indicadores de desigualdade do rendimento, Portugal, EU-SILC 2004-2007

	EU-SILC	2004	2005	2006	2007 (P ₁)
Coefficiente de Gini		38	38	38	37
S80/S20		6,9	6,9	6,8	6,5
S90/S10		12,3	12,2	11,9	10,8

P₁ - Valor provisório
EU-SILC: Inquérito às Condições de Vida e Rendimento

Este rácio atingia 10,8 se a parcela de população considerada em termos de mais altos e mais baixos recursos fosse de 10% (11,9 em 2006, 12,2 em 2005 e 12,3 em 2004). O Coeficiente de Gini, com um valor de 37%, evidencia também uma ligeira melhoria no distanciamento entre os mais ricos e os mais pobres, apesar de a população residente continuar a caracterizar-se por forte desigualdade na distribuição dos rendimentos.

ATÉ ONDE NOS LEVAM OS PRECONCEITOS...*

Diz-se: “Os pobres são pobres porque são: Porém, a realidade diz-nos que:

Preguiçosos

A maioria dos pobres trabalha, está desempregada ou já está reformada – só cerca de 27% é inactiva.

Incompetentes

60 mil licenciados desempregados, dificilmente poderão ser considerados como incompetentes, bem como os milhares de trabalhadores que passaram por acções de formação profissional integradas no âmbito do RSI (*Rendimento Social de Inserção*).

Dependentes

Das 126.621 famílias apoiadas pelo RSI, **só 44.780 não têm mais nenhum rendimento**.

Responsáveis pela sua situação

Têm trabalhos pesados, longos e mal remunerados. Múltiplos trabalhos, mal remunerados, impossibilidade de pouparem, impossibilidade de adquirirem mais competências para acederem a trabalhos mais bem remunerados,...

Não credíveis

92% das acções de micro crédito são marcadas pelo sucesso, o que significa que são credíveis.

* Adaptado de Maria do Rosário Carneiro — *Aonde nos levam os preconceitos?* Intervenção na Audição Pública “Dar voz aos pobres para erradicar a pobreza”, promovida pela Comissão Nacional Justiça e Paz, no dia 8 de Novembro de 2008. Disponível on-line em <http://darvozaospobres.blogspot.com/2008/11/aonde-nos-levam-os-preconceitos.html>

ANO EUROPEU DO COMBATE À POBREZA E À EXCLUSÃO SOCIAL (2010)

A Comissão Europeia declarou, a 12 de Dezembro de 2007, que 2010 será o Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social. Com uma dotação de 17 milhões de euros, a campanha visa reafirmar o empenho da União Europeia (UE) em tomar medidas decisivas para erradicar a pobreza até 2010.

Na UE, há 78 milhões de pessoas – o correspondente a 16% da população – que vivem em risco de pobreza.

O Ano Europeu de 2010 pretende chegar aos cidadãos da UE e a todos os intervenientes públicos, sociais e económicos. São quatro os seus objectivos específicos:

- Reconhecer o direito das pessoas em situação de pobreza e exclusão social a viver com dignidade e a participar activamente na sociedade.
- Reforçar a adesão do público às políticas e acções de inclusão social, sublinhando a responsabilidade de cada um na resolução do problema da pobreza e da marginalização.
- Assegurar uma maior coesão da sociedade, onde haja a certeza de que todos beneficiam com a erradicação da pobreza.

- Mobilizar todos os intervenientes, já que, para haver progressos tangíveis, é necessário um esforço continuado a todos os níveis de governação.

Dados recentes dos inquéritos Eurobarómetro revelam que os europeus têm uma percepção da pobreza enquanto problema generalizado. Na UE, os cidadãos consideram que à sua volta uma em cada três pessoas (29%) vive em situação de pobreza e que uma em cada 10 sofre de pobreza extrema. Em todos os Estados-Membros, parte da população está sujeita à exclusão e a privações, enfrentando frequentemente restrições no acesso aos serviços básicos. 19% das crianças estão em risco de pobreza e uma em cada 10 vive em agregados familiares onde ninguém trabalha.

A solidariedade é uma imagem de marca da União Europeia. Os modelos europeus de sociedade e de previdência têm por objectivo intrínseco fazer com que as pessoas beneficiem do progresso económico e social e para ele contribuam. A construção de uma Europa mais inclusiva é vital para a consecução do objectivo do crescimento económico sustentável, de mais e melhores empregos e de maior coesão social.

FORTALECER UMA PARCERIA GLOBAL PARA O DESENVOLVIMENTO



Todos os Estados membros da ONU subscreveram, no ano 2000, a Declaração do Milénio, prometendo apoiar uma “parceria global para o desenvolvimento” para atingir os objectivos específicos de desenvolvimento até 2015. Os países pobres concordaram em implementar políticas e orçamentos com vista a alcançar os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM). Também se comprometeram a melhorar a sua própria governação, transparência e prestação de contas. Em troca, os países ricos concordaram em apoiar os países em desenvolvimento no esforço de atingirem os ODM, reestruturando a dívida, a ajuda e as políticas comerciais.

A **dívida** bilateral aos países mais ricos do mundo já foi, em grande parte, cancelada e, na cimeira do G8 de 2005, em Gleneagles, estes países criaram a Iniciativa Multilateral de Redução da Dívida (MDRI) para conceder aos 18 países mais pobres um perdão total da sua dívida ao Fundo Monetário Internacional (FMI), ao Banco Mundial e ao Fundo Africano de Desenvolvimento. A **Ajuda Pública para o Desenvolvimento** (APD) aumentou de 1997 até 2005, ano em que atingiu os 106 mil milhões de dólares - embora $\frac{3}{4}$ fossem perdão da dívida externa. Contudo, decresceu em 2006. Apenas cinco países já cumprem a meta das Nações Unidas de 0.7% do Rendimento Nacional Bruto destinado a APD até ao ano 2015. Portugal está entre os que não cumprem o prometido: 0,21% do RNB em 2006, quando já devia estar nos 0,33%. O **comércio internacional** apresenta barreiras que diminuem a capa-

“A pobreza não é uma realidade inevitável. Pela primeira vez, na história da Humanidade, dispomos de tecnologias e de recursos suficientes para que ninguém seja excluído dos meios de vida básicos, considerados como mínimos dentro da própria sociedade. O problema actual não são os meios, mas os objectivos: querer ou não querer. E os principais objectivos que conduzem à erradicação da pobreza já não são técnicos, mas políticos e éticos.

Eugénio Fonseca

cidade de os países pobres partilharem os benefícios da globalização. $\frac{3}{4}$ das exportações de países em desenvolvimento para os países desenvolvidos foram isentas de taxas alfandegárias em 2004. Mas os produtos mais importantes para os países em desenvolvimento, como o vestuário e certos produtos agrícolas, continuam pagar fortes taxas alfandegárias. Alguns subsídios concedidos aos agricultores da UE continuam a distorcer as regras do comércio internacional, com prejuízo para os países em desenvolvimento.

DAR VOZ AOS POBRES PARA ERRADICAR A POBREZA*

Numa sociedade democrática, a pobreza configura uma situação de violação de direitos humanos fundamentais, tratando-se, pois, de um **problema de cidadania**.

A pobreza na nossa sociedade não é uma fatalidade, porquanto os recursos materiais, humanos e de conhecimento, já alcançados, são suficientes para todos. Se persiste a pobreza – e até em alguns casos se agrava -, é porque **a economia funciona desfocada da prioridade de satisfação das necessidades das pessoas dotadas de menor poder de compra**, porque os frutos do desenvolvimento e do progresso material não se repartem com justiça, e porque a sociedade não dispõe de mecanismos para proporcionar a todos uma **igualdade de oportunidades no acesso a bens essenciais e a serviços básicos de saúde, educação, habitação ou segurança**.

Consideramos a pobreza como uma **violação de direitos humanos**. Reconhecer esta situação deve levar à implementação de

mecanismos institucionais que façam valer, em todas as circunstâncias, o direito a não ser pobre.

Cabe ao **Estado**, a nível central e a nível autárquico, um papel determinante na luta contra a pobreza, através da adopção de medidas, programas e projectos direccionados para prevenir as causas geradoras da pobreza e para minimizar as suas consequências.

Por seu turno, a **sociedade civil** deve apoiar e pressionar os poderes públicos e suas instituições para que adoptem e executem as medidas pertinentes, tal como desenvolver aquelas acções de proximidade para as quais nem o mercado nem o estado têm respostas satisfatórias.

Há ainda que sensibilizar a sociedade para um **sistema de valores não mercantilistas**, que promova a ideia de que o desenvolvimento não se reduz ao mero crescimento económico, antes pressupõe sustentabilidade e coesão social.

* Ideias-chave das Conclusões apresentadas pela Presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz (CNPJ), Manuela Silva, no final da **Audição Pública “Dar voz aos pobres para erradicar a pobreza”**, promovida pela CNJP no dia 8 de Novembro de 2008 no Centro Cultural Franciscano. Leitura integral das **Conclusões** na página Web da CNJP: <http://cnjp.ecclesia.pt/>.

A pobreza não é uma realidade homogênea, antes assume diferentes naturezas e múltiplos rostos de que ouvimos nesta Audição testemunhos eloquentes. Assim sendo, só através de uma **maior participação dos pobres** na concretização das medidas e projectos que lhes são dirigidos se pode encontrar as respostas mais eficientes. Em particular, é essencial dar maior poder às **mulheres**, que continuam a ser discriminadas socialmente e no mercado de trabalho. O maior envolvimento e responsabilização dos pobres favorece, ainda, o **combate à subsídio-dependência**.

Esta Audição trouxe múltiplos ensinamentos relativos à percepção que a população portuguesa tem acerca da pobreza e pôs em evidência que existem muitos **preconceitos** sobre as respectivas causas. Por exemplo, a **associação da pobreza à preguiça**, quando, na verdade, os pobres são, maioritariamente, trabalhadores no activo ou reformados.

O conhecimento científico desta realidade social é, pois, indispensável para a definição e avaliação de estratégias, políticas e boas práticas. Consideramos ser urgente proceder à **melhoria das estatísticas** acerca das desigualdades e, em particular, acerca da pobreza.

A erradicação da pobreza constitui também uma mais valia para as pessoas não pobres e para a sociedade no seu todo que ganha em aproveitamento de recursos humanos potenciais, em coesão social, em segurança e em qualidade de vida.

O empenhamento em erradicar a pobreza tem levado a destacar a importância das iniciativas no âmbito da **Economia Social e do Terceiro Sector**, em cujo domínio importa acelerar a **inovação social** e para isso existem instrumentos inovadores que podem ser implementados. Por exemplo,

“A pobreza é uma negação de direitos humanos. Ofende a dignidade da pessoa humana, atenta contra o seu direito à vida, impede o exercício desse outro direito fundamental que é a liberdade e constitui um obstáculo à participação, condição essencial de uma democracia autêntica.

Comissão Nacional Justiça e Paz

por que não a constituição de um fundo de solidariedade constituído com base em activos bancários não reclamáveis e sua aplicação em investimentos no terceiro sector? Por que não uma academia e certificação de excelência de boas práticas na gestão do terceiro sector?

Por último, queremos concluir com uma palavra de solidariedade para com os pobres do Mundo. O século XXI iniciou-se com a formalização de um **Pacto mundial que visava reduzir significativamente a pobreza no Mundo até 2015**. A avaliação feita a meio deste período mostra lacunas e défices de concretização que importa superar nos próximos anos. Esse será, seguramente, o melhor modo de celebrar o 60º aniversário da declaração Universal dos Direitos Humanos.

(2,4 milhões mais do que em 2004); 96% dos novos casos ocorrem nos países em desenvolvimento. A África Subariana continua a ser a região mais atingida: embora tenha apenas 10% da população mundial, representa 64% dos seropositivos e 90% das crianças seropositivas com menos de 15 anos de idade. A **malária** e a tuberculose colocam dois grandes desafios à saúde mundial. Anualmente, há pelo menos 300 milhões de novos casos de malária, um milhão de mortes causadas pela doença e mais dois milhões de mortes relacionadas com a mesma. A África Subariana é a região mais afectada, com 80% do total de casos e 90% das mortes por malária de crianças com menos de cinco anos. A **tuberculose** causa a morte de 1,7 milhões de pessoas por ano e as taxas de infecção estão a aumentar quase 1% por ano. É na África Subariana e em algumas zonas da Ásia que se registam os aumentos mais rápidos: só a Índia representa 1/5 do total mundial (3,1 milhões/ano). A tuberculose continua a ser difícil de tratar, devido ao aparecimento de novas estirpes da bactéria resistentes aos medicamentos, bem como à redução da imunidade causada pelo VIH/SIDA e à aceleração da propagação (ligada aos refugiados e outras formas de migração).

GARANTIR A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL



Dado que 70% da população reside em meios rurais, os países mais pobres do mundo estão muito dependentes da agricultura e são muito vulneráveis à degradação ambiental. Ameaças ambientais como água contaminada colocam sérios desafios de saúde pública. Os conflitos em torno dos recursos naturais têm dividido algumas sociedades e a urbanização exige uma gestão equilibrada destes recursos.

1100 mil milhões de pessoas – 20% da população mundial – não têm acesso a água potável em quantidade suficiente e 2600 mil milhões vivem sem saneamento básico. Foram conseguidas melhorias significativas em termos de acesso a água potável. Em 2004, 80% da população tinha **acesso a água potável**, face a 71% em 1990. Já em termos de saneamento, a cobertura do **saneamento básico** aumentou nos países em desenvolvimento de 35% em 1990 para 50% no mesmo período. Apesar desta evolução positiva, 1100 mil milhões de pessoas não tem acesso a água potável e 2600 mil milhões vivem sem saneamento básico. A **desflorestação**, que é sobretudo causada pela conversão de florestas em terrenos agrícolas, prossegue ao ritmo de 13 milhões de hectares por ano. Uma crescente consciência desta tragédia reduziu a perda de florestas, graças ao planeamento florestal, à renovação da paisagem e à expansão da área florestal em alguns países. Embora estas novas florestas tenham ajudado a minorar a perda anual de área florestal – de 7,3 milhões de hectares, em 2005, contra 8,9 milhões em 2000 –, a perda continua a ser excessiva e as novas florestas não possuem o mesmo valor ecológico em termos de biodiversidade, nem proporcionam os mesmos benefícios às comunidades que dependem da floresta. Os países industrializados originaram 80% das emissões de CO2 entre 1900 e 1999. Mas são os países em desenvolvimento os mais vulneráveis aos efeitos das emissões, as **alterações climáticas** (aqui ocorrem 96% das mortes devido a fenómenos meteorológicos extremos). Para que as emissões parem de crescer até 2015, os dois mil milhões de pessoas sem electricidade devem ter **acesso a fontes limpas de energia**.

PROMOVER A IGUALDADE DE GÉNERO E EMPODERAR AS MULHERES



As mulheres são cruciais para todos os aspectos do desenvolvimento social e económico, mas muitas são impedidas de realizar o seu potencial.

As mulheres contribuem com 2/3 do total de horas de trabalho a nível mundial e são responsáveis por metade da produção alimentar. No entanto, ganham apenas 10% do rendimento mundial e detêm menos de 1% dos bens. Apesar dos avanços em direcção à paridade de género na educação, continua a haver 94 raparigas por cada 100 rapazes que frequentam a escola e quase 2/3 dos adultos analfabetos são mulheres. Felizmente, a representação política feminina tem vindo a aumentar – mais de 80 países introduziram quotas parlamentares para as mulheres. No entanto, a representação a nível mundial continua a ser apenas de 17%.

REDUZIR EM DOIS TERÇOS A MORTALIDADE INFANTIL ATÉ 2015



A sobrevivência de uma criança não deveria depender do local onde nasce, mas essa é a realidade de milhões de crianças: 99% das mortes de menores de cinco anos regista-se em países de rendimento baixo ou médio, sobretudo no subcontinente asiático e na África Subsariana.

Morrem por ano cerca de 10 milhões de crianças antes de completarem os cinco anos de idade. 70% das mortes de crianças são atribuídas a seis causas que podem ser prevenidas: diarreia, malária, infecções neo-natais, pneumonia, nascimentos prematuros e asfixia durante o nascimento. Uma em cada quatro crianças corre o risco

de contrair uma doença que poderia ser prevenida por meio da vacinação e mais de seis milhões de crianças com menos de cinco anos morrem anualmente devido a subnutrição.

REDUZIR EM 75% A MORTALIDADE MATERNA ATÉ 2015



Para muitas mulheres nos países em desenvolvimento, a alegria da maternidade é, demasiadas vezes, acompanhada por sérios riscos de saúde.

A maioria das mortes maternas é evitável: por exemplo, as mortes por infecção ou hemorragia podem ser impedidas por meio de fármacos ou transfusões de sangue. No entanto, estes cuidados médicos de rotina nem sempre são disponibilizados a muitas mulheres no mundo em desenvolvimento. Não só essas mulheres carecem de acesso a serviços médicos durante a gravidez, como a maioria está impossibilitada de aceder a profissionais de saúde e a serviços de saúde reprodutiva. As duas regiões com o maior número de mortes são a África Subsariana e a Ásia do Sul, onde pouco se tem progredido. A probabilidade de morrer durante o parto é de 1 em 16 na África Subsariana, contra 1 em 3800 no mundo desenvolvido.

COMBATER O VIH/SIDA, A MALÁRIA E OUTRAS DOENÇAS GRAVES



Nos países pobres, a falta de saúde reduz a produtividade e o rendimento, exacerbando os problemas de saúde, porque as pessoas não podem pagar uma alimentação, habitação e tratamento adequados.

Em 2006 estima-se que 39,5 milhões de pessoas estavam infectadas pelo VIH/SIDA

ERRADICAR A POBREZA: UM DESAFIO À MISSÃO DA IGREJA*

É incontornável o reconhecimento do papel que a Igreja Portuguesa tem desenvolvido no apoio aos pobres, nomeadamente no âmbito da assistência, através das suas múltiplas e diversificadas instituições de caridade. Podemos afirmar, sem receio de especular, que não deve haver problemática social que a Igreja não toque nem lugar mais recôndito deste país a que não chegue, mesmo se de forma pouco regular e organizada, com o seu testemunho do amor gratuito pelos mais empobrecidos.

Mas ainda há muito a fazer. A persistência da pobreza e, nalgumas vertentes, até o seu recrudescimento, são sinais evidentes de que há que definir novas estratégias pastorais que passarão, antes de mais, por uma decidida e sincera *“opção preferencial pelos mais pobres”*, pelo envolvimento de todas e de cada uma das comunidades cristãs e pelo rejuvenescimento da pastoral social. Tudo isto fortalecido com a criação de laços de comunhão fraterna intra e extra eclesiais. Porém, estes desafios só

poderão ser encarados com sustentabilidade se se fizer um forte investimento na formação dos agentes pastorais. (...)

Em síntese afirmo a necessidade de alterar uma série de aspectos da nossa acção pastoral que afectam a integração social das pessoas excluídas por que privadas de bens. Entre outros, permitam-me que destaque os seguintes:

- Passar de uma acção fragmentada, que vê no pobre o objecto passivo que recebe uma ajuda, para uma acção integral que tem na pessoa o sujeito da sua própria promoção e do desenvolvimento humano.

Muitas vezes centramos a nossa acção só nas necessidades, e isto faz-nos cair em paternalismos, dando poucas oportunidades à autonomia das pessoas. É a partir das necessidades e das potencialidades das pessoas, consideradas conjuntamente, que se pode produzir a transformação.

* Extractos da intervenção de Eugénio Fonseca (Presidente da Caritas Portuguesa) no I Congresso da Pastoral Social, que decorreu de 9 a 11 de Setembro no Grande Auditório do Centro Pastoral Paulo VI em Fátima, subordinado ao tema *INTERVIR NA SOCIEDADE, HOJE! memória e projecto*. Disponível on-line na página Web da Comissão Episcopal da Pastoral Social: <http://www.ecclesia.pt/snpsocial>.

- Passar de uma acção assistencialista, duvidosamente regeneradora, para uma acção integrada e integral.

A assistência, em forma de ajudas materiais, é necessária e não se deve renunciar a ela. É um meio para que as pessoas disponham das condições necessárias para caminhar no sentido da sua integração social, mas não pode ser o fim da acção social da Igreja.

Oferecer a pessoas, em situação de vulnerabilidade social e económica, medidas que favoreçam a sua autonomia, não contribuindo para a manutenção da espiral da pobreza, deve ser a nossa preocupação fundamental.

- Passar de uma acção social e caritativa confiada exclusivamente a instituições ou grupos restritos para uma acção em que o sujeito é toda a comunidade cristã.

(...) É possível erradicar a pobreza, bastando, para isso, vontade política e ética. No domínio ético e no respeito pela «expressão irrenunciável da sua própria essência» (BENTO XVI, *Deus Caritas Est*, n.º 25 a), a Igreja pode dar um válido contributo para que se alcance este justo anseio. Mas, como para os políticos é necessária a vontade para nós, seguidores de Jesus Cristo, é indispensável a permanente e verdadeira conversão a Deus que se «despojou da sua dignidade divina e se fez homem» (Cfr. Fl 2, 5-8), identificando-se com os “mais pequeninos”. Na verdade, o serviço dos pobres reclama fé e conversão, pois de

outra forma correremos o risco de curar com uma mão as feridas que produzimos com a outra. Por outro lado, este serviço exige paciência e sentido pedagógico. Há que aceitar de antemão a lentidão e os possíveis fracassos. Uma caridade que não esteja fundada na fé e dinamizada pela esperança, não superará um mero humanismo.

“Para vencer a pobreza há um caminho a percorrer em várias frentes:

- *Primado absoluto da defesa da pessoa humana, de cada pessoa e dos seus direitos e deveres fundamentais;*
- *Destino universal dos bens da terra;*
- *Primado da pessoa sobre o trabalho e deste sobre o capital.*

Comissão Nacional Justiça e Paz

OBJECTIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÉNIO



REDUZIR PARA METADE A POBREZA EXTREMA E A FOME ATÉ 2015



A pobreza extrema e a fome crónica tornam o desenvolvimento muito mais difícil. A pobreza leva à subnutrição e à doença, o que reduz o rendimento e a produtividade económica. Por sua vez, isto exacerba a pobreza e a fome porque as pessoas não conseguem ter uma alimentação, cuidados de saúde e habitação adequados, nem investir na educação dos filhos ou ter a sua própria empresa.

Em 2004, cerca de 950 milhões de seres humanos viviam ainda com menos de 0,75€ por dia. A pobreza extrema desceu de 29% para 19%, entre 2000 e 2004. Infelizmente, o progresso a nível mundial tem sido desigual: enquanto a Ásia conseguiu que 250 mil pessoas passassem a ter um rendimento superior a 0,75€ por dia, a África Subsariana conta com mais 140 milhões de pobres.

ALCANÇAR O ENSINO PRIMÁRIO UNIVERSAL ATÉ 2015



A educação é fundamental para acabar com a pobreza e atingir os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM). Cada vez mais, existe uma correlação positiva entre o nível de instrução de uma sociedade e o nível de vida e os resultados em termos de saúde pública. No entanto, a educação não tem apenas a haver com criar uma base sólida para o desenvolvimento. A educação é um direito humano de que todos, independentemente da condição socioeconómica, devem usufruir.

Nos países em desenvolvimento, nunca houve tantas crianças a frequentar a ensino primário como agora: as taxas de escolarização primária aumentaram 88%. No entanto, ainda se encontram significativas variações regionais e sub-regionais: as taxas de escolarização na América Latina e nas Caraíbas é de 95%, enquanto na África Subsariana atingiu 70%. É essencial conseguir maiores progressos na África Subsariana e no Sul da Ásia, onde vivem 80% das crianças que não frequentam a escola.

* Objectivo 2015 - Campanha do Milénio das Nações Unidas: <http://www.objectivo2015.org>.